

MULHERES INVISÍVEIS: ALGUMAS CORES E VOZES DAS ENCARCERADAS GT2- CRIMINALIZAÇÃO DAS MULHERES

A criminalização das mulheres foi um tema olvidado até pela criminologia crítica, que há algumas décadas já trabalha com as variáveis raça e renda. Todavia, a categoria gênero foi negligenciada contando com poucos estudos. Os números atuais demonstram a necessidade de considerar essa realidade, já que no Brasil houve um crescimento da população carcerária feminina em 567% entre os anos de 2000-2014, representando mais que o dobro do crescimento masculino. O país tem a 5º maior população carcerária feminina do mundo e ocupa a 85ª posição no índice de desigualdade de gênero.

Diante de tais números é imperioso compreender o processo de criminalização das mulheres. Nesse sentido, este trabalho objetiva analisar e visibilizar o perfil das mulheres encarceradas com um olhar sociológico, da criminologia crítica feminista e de gênero. Para isso apresenta alguns resultados da dissertação intitulada “A Atuação da Defensoria Pública Do Pará e a Mulher Encarcerada” (NAEA-UFPA). A pesquisa teve como um dos objetivos específicos caracterizar o perfil das mulheres condenadas e verificar como a atuação da Defensoria Pública por meio de procedimentos judiciais e extrajudiciais contribui para a diminuição da vulnerabilidade social e ampliação do capital social, econômico e cultural da mulher encarcerada.

Metodologicamente representou um estudo de caso no Estado do Pará com coleta de dados nos meses de outubro a novembro de 2012, tendo como *locus* da pesquisa os Centros de Recuperação: CRF (Ananindeua), CRAMA (Marabá) e CRASHM (Santarém). Adotou uma abordagem quantitativa e qualitativa, a primeira com aplicação de questionário contendo 61 questões a 73% do universo (202 de 275 presas condenadas) e análise de relatórios. Realizou uma análise descritiva dos dados obtidos, EXCEL e SPSS.17, na elaboração de gráficos e tabelas e análise inferencial (teste Qui-Quadrado de independência). Enquanto a abordagem qualitativa contou grupo focal no CRF, com a posterior triangulação dos dados, possibilitando a construção de um retrato para além dos testes estatísticos, desvelando imagens e potencializar suas vozes. Destaca-se que os últimos dados nacionais e oficiais produzido integram o INFOPEN Mulheres (2014) e foram comparados a pesquisa de campo.

Apresenta no campo teórico um olhar sobre a origem da dominação masculina, os conceitos de *habitus*, campo, capital econômico, capital cultural e poder simbólico desenvolvidos ou aperfeiçoados por Bourdieu (2010, 2012). Com um enfoque feminista e interdisciplinar sobre o encarceramento feminino, com aproximações das abordagens sociológicas e jurídicas calcado em uma epistemologia não androcêntrica e valorizando a interseccionalidade.

Utiliza a ideia de criminalização da pobreza desenvolvida por Loic Wacquant (2003) em que o encarceramento atinge profundamente o contingente feminino empobrecido e marginalizado. Somando-se a isto, tem-se a instauração da política de tolerância zero contra as drogas que alcança de forma desigual homens e mulheres (Naredo, 2004).

A análise dos achados da investigação paraense é feita com autoras Europeias e latinas americanas que discutem crime, criminologia e consequências do encarceramento feminino, como Dolores Juliano (2010,2011,2018), Elizabeth Almeda (2002, 2003,2007,2012,2018); Encarna Bodelón (2007), Cruells e Igareda (2005); Azaola (1996) e Almeda *et all* (2014).

Considera-se que é necessário a introdução da perspectiva de gênero de forma interseccional, já que as categoriais raça e renda passaram a compor o estudo da criminologia crítica há algumas décadas, convalidando a tese de que o sistema punitivo é seletivo com os mais baixos estratos sociais e com os grupos sociais mais reprimidos. E no caso das mulheres “y que más allá de La propia transgresión ‘deforma’ la propia naturaleza femenina” (Bergalli y Bodelón, 1992, p. 59), atenta contra o papel social da mulher, suas características como a pureza e a docilidade.

Conclui-se que a prática do encarceramento é estrutural, e o perfil da presa com baixa escolaridade e renda, desagregação da família, dificuldade de acesso à saúde, tiveram vulneração de direitos e sofreram algum tipo de violência antes da prisão. Os resultados corroboram com a tese de que o sistema penal é seletivo e escolhe a massa dos excluídos marcada pela pequena quantidade de capitais econômicos, culturais e sociais. E, mesmo considerando que o crime pode está presente em todas as classes sociais o apenamento com a privação da liberdade somente ocorreu a uma clientela selecionada.

Corroborando com este estudo têm-se na Europa pesquisas que apontam o mesmo perfil das mulheres presas, como um coletivo de jovens, com precárias condições econômicas e de trabalho, sem domicílio próprio e com baixo nível de instrução (Almeda, 2002; Cruells e Igareda, 2005; Azaola, 1996). Acrescentando o grande contingente de estrangeiras e em alguns países ciganas.

O estudo de caso acrescenta outros dados a essa realidade, no estado do Pará é: jovem; de baixa escolaridade; recebia menos que um salário mínimo; estava inserida no mercado informal, especialmente, como doméstica; são mães com mais de três filhos; apresentam grau importante de ruptura com laços familiares, ampliando a vulnerabilidade; tem história de envolvimento com drogas pelo uso ou pelo tráfico; e exerceu trabalho infantil. Durante o cárcere: quase metade declara não estudar; mais da metade trabalha na prisão, sendo que a renda auferida para 90% é menos que cem reais; necessitam de tratamento de saúde durante o

cárcere; e mais da metade nunca recebeu o tratamento médico que precisava, e quando o recebem avaliam como de péssima qualidade; aproximadamente 45% não recebem visitas familiares; 2/3 não recebem visitas íntimas; mais da metade não recebe qualquer assistência da família; um terço cometeu o delito com o marido ou companheiro; e quase metade dos maridos ou companheiros responde a processo criminal. Os dados qualitativos apresentam os anseios, dores e desejos dessas mulheres invisibilizadas, suas vozes ecoam uma realidade marcada pela violência de gênero.

Tais dados compõem um retrato de exclusão social a que esta população foi submetida antes do ingresso na prisão, aprofundando-se com o aprisionamento. Em sua trajetória, foram vitimizadas pela pobreza, desigualdade social, de gênero e raça. As conclusões reforçam um ciclo no sistema penal: baixo capital econômico, social e cultural – criminalidade – cumprimento da pena – liberdade – ampliação da vulnerabilidade - baixo capital econômico, social e cultural.

Referencias bibliográficas:

ALMEDA, E. BODELÓN, E. *Mujeres y Castigo: un enfoque socio-jurídico y de género*. Madrid: Dykinson, 2007.

ALMEDA, E. *Corregir y castigar. El ayer y hoy de las cárceles de mujeres*, Barcelona: EdicionsBellaterra, 2002.

ALMEDA, E. *Mujeres encarceladas*. Barcelona: Ariel, 2003.

ALMEDA, E.; BODELÓN, E. y Ribas, N.: *Rastreado lo invisible: Mujeres inmigrantes en las cárceles*, Barcelona: Editorial Anthropos, 2004.

ALMEDA, Elisabet, DI NELLA, Dino, NAVARRO, Carmen Navarro. *Mujeres, cárcel y drogas*. Oñati Socio-Legal Series, v. 2, n. 6 (2012), 122-145 ISSN: 2079-5971.

ALMEDA SAMARANCH, Elisabet. *Criminologías feministas, investigación y cárceles de mujeres en España*. Papers. Revista de Sociologia, [S.l.], v. 102, n. 2, p. 151-181, mar. 2017. ISSN 2013-9004. Disponible en: <<http://papers.uab.cat/article/view/v102-n2-almeda-2>>. Fecha de acceso: 28 feb. 2018 doi:<http://dx.doi.org/10.5565/rev/papers.2334>.

ALMEDA SAMARANCH, Elisabet; DI NELLA, Dino. *Mujeres y cárceles en América Latina. Perspectivas críticas y feministas*. Papers. Revista de Sociologia, [S.l.], v. 102, n. 2, p. 183-214, mar. 2017. ISSN 2013-9004. Disponible en: <<http://papers.uab.cat/article/view/v102-n2-almeda-di-nella>>. Fecha de acceso: 28 feb. 2018 doi:<http://dx.doi.org/10.5565/rev/papers.2335>.

ALVES, Dina M. *Res negras, juízes brancos: uma análise da interseccionalidade de gênero, raça e classe na produção da punição em uma prisão paulistana*. Revista CS, ISSN-e 2011-0324, N°. 21, 2017, págs. 97-120.

AZAOLA, E. *El delito de ser mujer*. México: Plaza y Valdés-Ciesas, 1996.

BRASIL. Ministério da Justiça. Departamento Penitenciário Nacional. Sistema Integrado de Informações Penitenciárias. *InfoPen Mulheres*, 2014. Disponível em: <http://www.infopen.gov.br/>. Acesso em: 27 março 2018.

BOURDIEU, Pierre. *A Dominação Masculina Rio de Janeiro*: Editora Bertrand Brasil, 2012, p 64.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Tradução Fernando Tomaz (português de Portugal) – 14ª ed. – Rio de Janeiro; Bertrand Brasil, 2010.

BRUSCHINI, Maria Cristina Aranha. *Trabalho e gênero no Brasil nos últimos dez anos*. Cad. Pesqui., São Paulo , v. 37, n. 132, p. 537-572, Dec. 2007 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742007000300003&lng=en&nrm=iso>.access on 24 Feb. 2018.

CAMPOS, Carmen Hein de. *Criminologia feminista teoria feminista e crítica às criminologias*. Rio de Janeiro: Lumen juris, 2017.

CARLEN, Pat y WORRALL, Anne. *Analysing Women's Imprisonment*. Oregon: Willan Publishing, 2004.

CRUELLES, M. E IGAREDA, N. *Mujeres, integración y prisión*. Barcelona: Aurea, 2005.

CRUELLES, M.; TORRENS, M.; IGAREDA, N.: *Violencia contra las mujeres: Análisis de lapoblación penitenciaria femenina*, 2005. Disponível em: <http://surt.org/cast/docs/estudio_final_cast.pdf> , Access 26 Feb. 2018.

CRUZ NETO, Otavio; MOREIRA, Marcelo Rasgo; SUCENA, Luiz Fernando Mazzei. *Grupos focais e pesquisa social qualitativa: o debate orientado como técnica de investigação*. In: SER SOCIAL, número 9, julho a dezembro de 2001.

DEL OLMO, R. (coord.). *Criminalidad y criminalización de lamujerenlaregión andina*, Caracas: Editorial Nueva Sociedad, 1998.

DE MIGUEL, Estibaliz. *Actrices sociales en el escenario carcelario*. V Congreso2 Internacional de laAsociación de Estudios de Mujeres (AUDEM). Sevilla: ArCibel Ed, 2008. ISBN: 978-84-96980-29-7

FLANKLIN, Naila Ingrid Chaves. *O controle social e as mulheres negras: possibilidades e releituras para a criminologia feminista*. Revista brasileira de ciências criminais, ISSN 1415-5400, Nº. 135, 2017, págs. 487-518.

HERRERA, M. *Mujeres y Prisión* en Cuadernos de Política Criminal 49, 1993, 339-354.

IGAREDA, Noelia. La maternidad de las mujeres presas. En: Nicolás, Gemma y BODELÓN, Encarna (comp.). *Género y dominación: Críticas feministas del derecho y el poder*. Barcelona: Anthropos, 2009.

JULIANO, María Dolores. *Delito y pecado: latransgresión en femenino. Política y sociedad*, ISSN 1130-8001, Vol. 46, Nº 1-2, 2009 (Ejemplar dedicado a: Sexualidades y derechos en el siglo XXI), págs. 79-95. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es>. Acesso em: 24 de fev. 2018.

JULIANO, María Dolores. *Riesgo, delito y pecado em femenino*. San Sebastián: gako, 2011.

JULIANO, Dolores. *Excluidas y marginalinales*. Barcelona: Ediciones Catedra, 2010.

LAGARDE, Marcela. *Los cautiverios de las mujeres. Madresposas, monjas, putas, presas y locas*. Madrid: horas y horas la editorial, 2011.

LARRAURI, Elena. (comp.). *La herencia de lacriminología crítica*. Madrid: S. XXI, 2000.

MARTÍNEZ GARCÍA, José Saturnino. *El habitus. Una revisión analítica*. Revista Internacional de Sociología 75, 2017. Disponível em <https://doi.org/10.3989/ris.2017.75.3.15.115>. Acesso 3 de nov. 2017.

MATOS, Raquel; MACHADO, Carla. *Criminalidade feminina e construção do género: Emergência e consolidação das perspectivas feministas na Criminologia*. Aná. Psicológica, Lisboa, v. 30, n. 1-2, p. 33-47, jan. 2012. Disponível em <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0870-82312012000100005&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 26 fev. 2018.

MENDES, Soraia da Rosa Mendes. *Criminologia Feminista novos paradigmas*. 2. Ed. São Paulo: Saraiva, 2017.

NAREDO, M. *Reclusas con hijos en la cárcel. La unta del iceberg de la "sinrazón" penitenciaria*, en *La cárcel en España en el fin del milenio*, Iñaki Rivera (coord.). Barcelona: M.J. Bosch, 1999.

NAREDO, María Molero. *¿Qué nos enseñan las reclusas?: La criminalización de la pobreza desde la situación de reclusas extranjeras y gitanas*. Humanismo y trabajo social, ISSN 1696-7623, Nº. 3, 2004, págs. 67-94. Disponível em [/dialnet.unirioja.es](https://dialnet.unirioja.es).

RIBAS, N., ALMEDA, E., BODELÓN, E. *Rastreado lo invisible. Mujeres extranjeras en las cárceles*. Barcelona: Anthropos, 2005.

PRADO, Daneiel Nicory do; XIMENES, Rafson Saraiva. *Redesenhando a execução penal 2: por um discurso emancipatório democrático*. Salvador: Faculdade Baiana de Direito, 2012.

SANTOS, Daiane Lima dos. *A atuação da Defensoria Pública do Pará e a mulher encarcerada*. Orientador, Josep Pont Vidal. – 2013. 277 f.: il.; 29 cm. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do **Pará**, Núcleo de Altos Estudos Amazônicos,. Programa de Pós-Graduação. Disponível em: <http://www.ppgdstu.propesp.ufpa.br/ARQUIVOS/Dissertacoes/2013/DISSERTA%20C3%87%20C3%83O%20HOMOLOGA%20C3%87%20C3%83O%20DAIANE%20LIMA%20DOS%20SANTOS%202018.09.13.pdf>

SMART, Carol. *Women, Crime and Criminology*. Londres: Routledge, 1976.

WACQUANT, Loic. *Punir os pobres: a nova gestão da miséria nos Estados Unidos [A onda punitiva]*. Tradução de Sergio Lamarão. – Rio de Janeiro: Revan, 2003, 3ª edição, revista ampliada, agosto de 2007.